



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA DE LOURDES ANDRADE DOS SANTOS

**A SECA E O DNOCS NO PIAUÍ:**  
BREVE CONSTRUÇÃO HISTÓRICA (1940-1950)

PICOS – PI

2019

MARIA DE LOURDES ANDRADE DOS SANTOS

**A SECA E O DNOCS NO PIAUÍ:**  
BREVE CONSTRUÇÃO HISTÓRICA (1940-1950)

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura plena em História, da Universidade Federal do Piauí- UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientador: Prof. Ms. José Lins Duarte

MARIA DE LOURDES ANDRADE DOS SANTOS

**A SECA E O DNOCS NO PIAUÍ:  
BREVE CONSTRUÇÃO HISTÓRICA (1940-1950)**

Monografia apresentada ao curso de  
Licenciatura Plena em História, da  
Universidade Federal do Piauí-  
UFPI/Picos, Campus Senador Helvídio  
Nunes de Barros.

Orientador: Prof. Ms. José Lins Duarte

Aprovado em 06 de dezembro de 2019.

Banca Examinadora:



---

Prof. Ms. José Lins Duarte

Universidade Federal do Piauí - (Orientador)



---

Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Universidade Federal do Piauí - (Examinador)



---

Profa. Ms. Rannyelle Rocha Teixeira

(Examinadora)

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Campus Senador Helvídio Nunes de Barros**  
**Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo Serviço de**  
**Processamento Técnico**

**S237s** Santos, Maria de Lourdes Andrade dos  
A seca e o DNOCS no Piauí: breve construção histórica (1940-1950) /  
Maria de Lourdes Andrade dos Santos – 2019.

Texto digitado  
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-  
CSHNB  
Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal  
do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2019.

“Orientador: Ms. José Lins Duarte”

1. DNOCS. 2. Seca. 3. Piauí. I. Duarte, José Lins. II. Título

CDD 981.22



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64607-670 - Picos - Piauí  
Fone: (89) 3422 2058

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao sexto (06) dia do mês de Dezembro de 2019, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Maria de Lourdes Andrade dos Santos** sob o título **A seca e o DNOCS no Piauí: Breve construção histórica (1940-1950)**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Me. José Lins Duarte  
Examinador 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador 2: Profa. Ms. Rannyelle Rocha Teixeira

Deliberou pela Aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,0.

Picos (PI), 06 de dezembro de 2019

Orientador (a): 

Examinador (a) 1: 

Examinador (a) 2: 

## AGRADECIMENTOS

“Se por acaso eu não conseguir dizer foi a tua perfeição que me fez calar, queria com palavras te impressionar, mas eu não tenho o dom”<sup>1</sup>. Deus, obrigada por me sustentar até aqui, pelo o consolo de cada madrugada, por cuidar tão bem de mim e por prover todos os meios possíveis para que eu continuasse nessa caminhada. Teu amor me sustém todos os dias.

Gostaria de agradecer ao meu Pai Francisco de Assis, que sempre fez o possível e o impossível para que eu pudesse terminar a graduação, a minha mãe Lúcia por todas as orações e cuidados diários. Aos dois por sempre abrir mão dos sonhos deles e colocar seus filhos a frente de cada situação. Aos meus irmãos que sempre torceram por mim, principalmente ao meu caçulo Paulo Marcos, por me amar e estar presente em cada situação. Minha família é o meu tesouro.

Agradecer também ao meu orientador Jose Lins, por tanta paciência e carinho comigo. Por sempre me motivar e apostar em mim. Sorte de quem te tem na vida. Ao Francisco Gleison que colaborou com a minha pesquisa e sempre se disponibilizou para me ajudar. Vocês são incríveis!

Aos meus amigos que compartilharam dessa jornada comigo. Alguns em especial, minhas duas melhores amigas desde a infância, Auana Santos e Vanessa Marinho, que mesmo distante se fazem presentes em cada etapa da minha vida. Ao meu amigo Alex Carvalho, que foi o melhor presente que Deus e a UFPI me concederam. As suas vidas enriquecem a minha e por esse motivo que meu coração transborda de amor por vocês.

Agradecer também as minhas duas ANA'S. Ana Georgia, minha amiga do coração, que nunca me desamparou e sempre me estendeu a mão, eu sei que posso contar com você para tudo na vida. Minha amiga Ana Darc, que mesmo doentinha sempre se dispôs a me ajudar e a me arrumar, que cozinha divinamente e sempre me alimentava.

---

<sup>1</sup> Letra da Música “Eu não tenho o dom”, de Marcela Taís.

Gostaria de agradecer também a Jaqueline Sales, que se preocupa comigo como ninguém, que me trouxe alívio nos dias mais difíceis, e que me ajudou a superar meus medos e traumas. Eu tenho certeza que Deus te colocou na minha vida como um anjo e eu sou extremamente grata por te ter na minha vida.

A minha amiga irmã Rayla Oliveira, que morou anos comigo, com quem dividi cada preocupação e cada conta, além de sempre me incentivar a estudar e a lutar pelos meus sonhos. Não poderia deixar de agradecer a Fernanda Borges, que me apoiou nessa reta final e todos os dias me mandava mensagens nesse sentido, tirava as minhas dúvidas e disponibilizou-se para me ajudar; te conhecer melhor foi um prazer imensurável, espero que seja o começo de uma linda amizade.

Enfim, agradecer a todos aqueles que contribuíram com a minha graduação, sobretudo aos meus professores por cada aula e conhecimento repassado. Esse é o começo de uma linda e árdua caminhada que enche o meu coração de felicidade!

*Acima de tudo, guarde o seu coração,  
pois dele depende toda a sua vida.  
(Provérbios 4;23)*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo pesquisar o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) no Piauí nas décadas de 1940-1950, período que houve uma atuação significativa de obras no estado. O órgão foi criado com a intenção de adotar procedimentos para o armazenamento e distribuição de água e outras medidas cabíveis para atender a necessidade da população durante os ciclos da estiagem. Buscaremos analisar quais foram as suas principais ações e os seus impactos sociais e econômicos. Para tanto, usaremos como fontes os relatórios, folhas de pagamentos e os boletins do acervo do DNOCS- PI. Além disso, utilizaremos as obras de alguns autores como Paulo Guerra, Maria Mafalda, Lara de Castro, entre outros. Ao decorrer da pesquisa percebemos que a instituição atuou de maneiras e positivas e negativas.

**Palavras-chave:** DNOCS, Seca, Piauí.

## **ABSTRACT**

The present work aims to research the DNOCS (National Department of Works Against Droughts) in Piauí in the decades of 1940-1950, a period in which there was a significant performance of works in the state. The agency was created with the intention of adopting procedures for the storage and distribution of water and other appropriate measures to meet the needs of the population during drought cycles. We will seek to analyze what were its main actions and their social and economic impacts. For this, we will use as sources the reports, payrolls and bulletins from the DNOCS-PI collection. In addition, we will use the works of some authors such as Paulo Guerra, Maria Mafalda, Lara de Castro, among others. During the research, we realized that the institution acted in positive and negative ways.

**KEYWORDS:** DNOCS, SECA, PIAUÍ.

## LISTA DE IMAGENS

<b>IMAGEM 1</b> - Fogão de trempe.....	35
<b>IMAGEM 2</b> - Ilustração do fogão tropeiro.....	36
<b>IMAGEM 3</b> - Trabalhador na construção de Tijolos.....	36
<b>IMAGEM 4</b> - Maquinas para a construção de açudes.....	37
<b>IMAGEM 5</b> - Trecho da construção da rodovia Nordeste-Brasília.....	37
<b>IMAGEM 6</b> - Broca de furar Poços Artesianos.....	41
<b>IMAGEM 7</b> - Maquinas de escavação para poços Tubulares.....	41

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> - Dados Técnicos.....	24
<b>TABELA 2</b> - Dados Orçamentários .....	24
<b>TABELA 3</b> – (Programas criados para auxiliar a sociedade no período das secas)	29
<b>TABELA 4</b> - Perfuração de poços Tubulares – Ficha Individual.....	38
<b>TABELA 5</b> - Despesas da perfuração dos poços Tubulares.....	39
<b>TABELA 6</b> - Lista de Salários dos Funcionários.....	42

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BEC – Batalhão de Engenharia e construção

DNOCS- Departamento Nacional de Obras contra as Secas

IOCS – Instituto de Obras Contra as Secas

IFOCS – Instituto Federal de Obras Contra as Secas

SUDENE- Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>15</b>
<b>1. Implementação do DNOCS .....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 Os Motivos da criação do DNOCS .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2. Atuações nas construções de estradas.....</b>	<b>20</b>
<b>1.3 Denúncias as frentes as frentes de serviço .....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>28</b>
<b>2. Frentes de serviços.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 – Assistencialismo ao flagelo.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2 - Providencias para o abastecimento de água .....</b>	<b>38</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

Vivendo em uma cidade pequena localizada no interior do Piauí, desde garota, ouvia histórias sobre a os períodos de estiagem e sobre a luta dos nordestinos, de como esse povo atravessava temporalidades marcadas pela fome, miséria e pobreza. Ao passar do tempo comecei a notar os impactos causados pelo fenômeno da “seca”, passando a ter interesse pelo assunto. A literatura despertou a vontade de conhecer mais sobre outas pessoas e lugares, que também enfrentaram o mesmo problema e de forma mais avassaladora, como foi o caso do estado do Ceará e sua população.

Ao ingressar na Universidade, me despertou a vontade de estudar as causas sociais. Dessa forma, me propus a realizar uma pesquisa sobre a seca e as comissões de ajudaram na minha cidade natal, Santo Inácio - PI, entre o final da década de 70 e o começo dos anos 80 (1979-1985). A partir do estudo, constata-se que os principais auxílios vieram do batalhão do 3º BEC e das entidades de caridade da Igreja apostólica Católica Romana. Ao informar-me sobre entidades e órgãos que atuaram contra os problemas da seca na região semi-árida, escolhi o Departamento Nacional de Obras Contra as secas (DNOCS) como tema de estudo.

O DNOCS é um órgão que foi criado para contribuir com a diminuição dos efeitos das secas, com estudos apropriados para ajudar o sertão nordestino no período de falta de chuvas. O órgão foi estabelecido em 1909, tornando-se uma autarquia federal pela lei de nº 4229 de 01/06/1963<sup>2</sup> e constituindo-se como a primeira e maior entidade a realizar estudos sobre a estiagem e criar projetos específicos para diminuir o problema causado pela escassez de água. A instituição perdura até os dias atuais.

De acordo com a sua legislação, as principais funções do órgão são: o beneficiamento de áreas e obras de proteção contra as secas e inundações; irrigação; radicação de população em comunidades de irrigantes ou em áreas especiais, abrangidas por seus projetos; subsidiariamente, outros assuntos que lhe sejam cometidos pelo Governo Federal, nos campos do saneamento básico,

---

<sup>2</sup> Portal do DNOCS. < <https://www2.dnocs.gov.br/>>

assistência às populações atingidas por calamidades públicas e cooperação com os Municípios.<sup>3</sup>

Procuramos evidenciar as transformações econômicas, sociais e urbanas sucedidas principalmente no Piauí, investigando como a sociedade estava composta e quais as principais mudanças que acarretavam a época.

O recorte temporal escolhido é entre as décadas de 1940-1950, visto que foi um período de significativo crescimento no Piauí, principalmente na capital do estado, Teresina, que passava por mudanças de estruturação e crescimento urbano, além de intervenções ambientais. Outro sim, é devido ao fato de que nos anos de 1940, especificamente em 1945, o Instituto Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) passou a ser intitulado DNOCS, órgão que se constitui como objeto principal da presente pesquisa.

O trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo analisamos a criação e mudanças do órgão e como essas modificações afetavam nas suas obras, outrossim, está relacionado às estradas rodoviárias que foram construídas pelo DNOCS. No segundo capítulo abordamos sobre a migração dos retirantes e o auxílio das frentes de serviços, mostrando também os estudos e as atuações do órgão no que tange aos estudos hídricos sobre o armazenamento da água.

A relevância deste trabalho, se dá pelo enriquecimento da historiografia, que possibilita o conhecimento sobre a dimensão do DNOCS no Nordeste e principalmente no Piauí. Proporcionando familiaridade maior acerca dos impactos sociais causados pela seca, e do órgão, em organização e funcionalidade, pois embora o DNOCS tenha vários anos de atuação, ele ainda chega a ser desconhecido por uma considerável parcela da sociedade.

---

<sup>3</sup> Portal do DNOCS. Disponível em: <https://www2.dnocs.gov.br/>.

## CAPÍTULO I

### 1. Implementação do DNOCS

#### 1.1 Os Motivos da criação do DNOCS

Em meados do século XVI, o padre jesuíta Fernão Cardim, em suas viagens pela costa brasileira de Pernambuco ao Rio de Janeiro, foi o primeiro a registrar os fenômenos naturais causados pela seca na região Norte (atualmente conhecido como Nordeste) e seus respectivos efeitos a população<sup>4</sup>. Desde então outros viajantes e pesquisadores vêm registrando esse período de falta de chuvas ao longo dos anos. É possível perceber que alguns autores da literatura brasileira já demonstraram a sua preocupação com a seca em suas respectivas obras, onde trabalham o sertão Nordestino. Grandes nomes da literatura como Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Jose de Alencar e Euclides da Cunha, entre outros<sup>5</sup> abordaram uma trajetória de imensas dificuldades no sertão do Nordeste.

Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz. Cordulina, no entanto, queria-o vivo. Embora sofrendo, mas em pé, andando junto dela, chorando de fome, brigando com os outros... E quando reencetou a marcha pela estrada infundável, chamejante e vermelha, não cessava de passar pelos olhos a mão trêmula: — Pobre do meu bichinho!<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> O texto de Fernão Cardim está no livro: SPIX, Johann Baptist von e MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Trad. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968; 3 v.

<sup>5</sup> Esses autores escreveram obras de extrema importância, onde retratam o sofrimento dos flagelados atingidos pela a estiagem.

<sup>6</sup> QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. São Paulo: Siciliano, 1993, p. 27.

O Piauí, assim como a maioria dos estados do Nordeste<sup>7</sup> foi marcado por grandes períodos de estiagem. No século XIX (1877-1879) a seca afetou o Nordeste de forma devastadora. As consequências desse período refletiram-se em muita miséria. Algumas providências precisavam ser tomadas e ações de obras públicas tinham que ser efetivadas para a melhoria da população.

Segundo Cirilo, Montenegro e Campos (2010), o semiárido é representado por um quinto do território brasileiro, localizado no Nordeste, abrangendo os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Pernambuco, Sergipe e Bahia. Cerca de 18,5 milhões a 8,6 milhões de pessoas vivem na zona rural. Caracterizada como uma região pobre em volume de escoamento de água, esse fato ocorre devido a variabilidade temporal e pelas características geológicas dominantes.

O clima da porção semiárida é caracterizado por um regime de chuvas fortemente concentrado em quatro meses (fevereiro-maio) e uma grande variabilidade inter - anual. As fortes secas que flagelam a região sempre moldaram o comportamento das populações e foram preponderantes para a formulação de políticas públicas regionais.<sup>8</sup>

Ao longo desses períodos de estiagem, fica evidente que a seca é um fenômeno natural e evita- lá não seria uma alternativa. A ideia de “combate”, significa que alguns meios deveriam ser tomados para que a população do sertão não precisasse passar fome, necessidades e migrar de suas terras. Diante disso, foi criado o DNOCS, com a intenção de adotar um procedimento que armazenasse e distribuísse água nesses períodos, a fim de que o problema fosse solucionado. Antes de se tornar o DNOCS, o órgão passou por outros nomes e outras funções, porém com a mesma finalidade.

Traçando uma linha do tempo sobre esses nomes e funções, cabe mencionar que, no começo do século XX, o governo federal, através de estudos geológicos,

---

<sup>7</sup> Nordeste é nome dado a partir do século XX. No século XIX toda a região do Nordeste, que abrange 9 estados (Maranhão, Piauí, Sergipe, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Bahia), ainda eram conhecidos como Norte.

<sup>8</sup>CIRILO, José Almir; MONTENEGRO, Susana M. G. L.; CAMPOS, José Nilson B. *A questão da água no semiárido brasileiro*. 2010, p. 4. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318778262>.

decretou a criação do órgão de Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), pelo decreto nº 7.619, em 21 de outubro de 1909. Em 1919, teve uma alteração no seu nome, concedida pelo presidente Nilo Peçanha, que acrescentou a palavra Federal ao órgão, passando a se chamar (IFOCS) Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, pelo decreto de nº 13.687. E em 1945 passou a chamar-se Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS)<sup>9</sup>. Após ser criado, o órgão já começou a traçar as principais áreas de atuação: A IOCS deveria centralizar e unificar a direção dos serviços em toda a zona assolada pelas secas, e executaria um plano bastante amplo de combate aos efeitos da irregularidade climáticas.<sup>10</sup>

As ações iniciais do órgão foram destinadas ao reconhecimento científico do espaço sertanejo. O Então ministro da Viação, o cearense Francisco Sá, escolheu para ser o primeiro inspetor-chefe do órgão o engenheiro Miguel Arrojado Lisboa, profundo conhecedor dos sertões e adepto da antropogeografia do alemão Friedrich Ratzel, cuja matriz entendia o progresso como uma ação coordenada entre homem e natureza. Arrojado Lisboa organizou administrativamente o órgão em três distritos com sede em Fortaleza, Natal e Salvador.<sup>11</sup>

A IOCS foi o primeiro órgão federal criado com o objetivo de sistematizar o combate às secas periódicas que assolavam a região Nordeste. A construção de reservatórios hídricos, conhecidos como açudes, surgiu com o acontecimento das secas, nos anos de 1825-1830. Nessa época foram construídos reservatórios menores, mas com a grande seca de 1877 começou-se a construção de grandes reservatórios, anos mais tarde essa função seria dada ao DNOCS.<sup>12</sup> A instituição foi estabelecida durante o governo do fluminense Nilo Peçanha, que exerceu a presidência da República por 17 meses (de junho de 1909 a novembro de 1910).

A IOCS adquiriu caráter permanente como repartição, graças ao decreto 9.256, de 28 de dezembro de 1911. Desde cedo, passou a sofrer alterações dos decretos no 11.474, de 03 de fevereiro de 1915, no 12. 330 de 27 de dezembro de 1916 e no 13.687 de 09 de

---

<sup>9</sup> Portal do DNOCS. Disponível em: <https://www2.dnocs.gov.br/>.

<sup>10</sup> GUERRA, Paulo de Brito. *A civilização da seca: o Nordeste é uma história mal contada*. Fortaleza: DNOCS, 1981, p. 44.

<sup>11</sup> Portal do DNOCS. Disponível em: <https://www2.dnocs.gov.br/>.

<sup>12</sup> Portal DNOCS. Disponível em: <https://www2.dnocs.gov.br/>.

julho de 1919, que seu nome foi ampliado para Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS).<sup>13</sup>

Segundo Paulo Guerra, a aprovação da lei 3.965 de 25 de dezembro de 1919, nomeada como Eptácio Pessoa, foi a conquista mais importante realizada em todos os tempos de IOCS, IFOCS e DNOCS. A lei autorizava a construção de obras necessárias para a irrigação de terras cultiváveis no Nordeste brasileiro. A mesma também ficou conhecida como um “presente de natal” ao povo do sertão.

A lei 3.965 é clara “autoriza a construção de obras necessárias a irrigação de terras cultiváveis, no nordeste brasileiro e das outras providencias”. Em apenas nove artigos, tratava da construção das obras por administração e contato criava uma caixa especial para financiá-las, com recursos vindos de operações internas ou externas de uma quota de dois por cento da receita geral da República, dois a cinco por cento dos estados onde as obras se localizarem e do produto de venda ou arrendamento de terras cedidas pelo estado ou desapropriadas. À união cabia a administração e exploração das obras até reembolsar-se, quando as transferiria ao estado. Previa ainda o loteamento de terras para venda ou arrendamento, a assistência técnica, incluída a revenda de implementos e fertilizantes, e a comercialização de produtos.<sup>14</sup>

Ademais, os primeiros de anos de feitorias do órgão também tiveram seus problemas. Muitos projetos de irrigação e perfuração de poços foram paralisados, principalmente por não ter recursos disponíveis para atender a demanda de cidades nordestinas que tinham carências no serviço.

Foram paralisados ou caíram em “ritmo de espera” os açudes Nova Floresta, Forniquilha, Santo Antônio de Russas, Orós, Poço de Paus, Patos, Quixeramobim e Acarape, (CE); Cruzeta, Morcego, Gargalheiras e Parelhas (RN); São Gonçalo, Pilões e Piranhas (PB); Terra Nova (PE); Rio do Peixe (BA). Cerca de trinta trechos rodoviários em construção, do Piauí a Bahia, foram paralisadas, ou passaram a ritmo lento de construção.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> GUERRA, Paulo de Brito. *A civilização da seca: o Nordeste é uma história mal contada*. Fortaleza: DNOCS, 1981, p. 46.

<sup>14</sup> GUERRA, Paulo de Brito. *A civilização da seca: o Nordeste é uma história mal contada*. Fortaleza: DNOCS, 1981, p. 59

<sup>15</sup> GUERRA, Paulo de Brito. *A civilização da seca: o Nordeste é uma história mal contada*. Fortaleza: DNOCS, 1981, p. 65-66.

O DNOCS nasceu da preparação de um projeto político que tinham em mente construir uma nação civilizada, criada não só com o intuito de estabelecer obras públicas, mas também de transparecer a modernização dos sertões. Além disso, o século XIX no Piauí estava marcado por um conservadorismo dominante, onde as preocupações com as causas sociais, em atender aos necessitados, não tinha importância. Ou seja, a preocupação pairava-se na reputação de viverem em uma cidade civilizada, que demonstrasse progresso.

Maria Mafalda Araújo (2010), em sua obra “Cotidiano e Pobreza: A magia da sobrevivência em Teresina”, trabalha o final do século XIX e o começo XX, apresentado os aspectos de pobreza no qual a capital do Piauí estava inserida e o desejo de modernidade que a elite queria estabelecer em meio ao caos. “Entretanto, nas primeiras décadas do século XX, não era fácil para a elite piauiense conciliar seu imaginário progressista com uma realidade social desafiadora, apesar de a paisagem que se abria no novo século oferecer perspectivas de modernidade a nação brasileira”<sup>16</sup>.

Em meados do final do século XIX e começo do século XX, a transição da monarquia para república passou por crises políticas e novas ideologias que permeavam-se por todo o Brasil. A economia do Piauí estava baseada na pecuária, no extrativismo vegetal e na agricultura, voltados para o próprio consumo, diferente das outras regiões o Piauí estava atrasado.

Avançando para as décadas de 40 e 50, nosso período de estudo, indicativos atestam ter sido esse o período que o DNOCS mais atuou de forma positiva no Piauí, principalmente na construção de estradas e rodovias. Isto no intuito de reestabelecer a economia, que girava em torno da produção de borracha de maniçoba e cera de carnaúba e amêndoa de babaçu.<sup>17</sup>

A ascensão de Juscelino Kubitschek à Presidência da República trouxe com ela um rol de metas a serem concretizadas, e para serem atingidas em seu período presidencial, destacando-se, entre várias, a implantação de usinas hidroelétricas nos rios da região sudeste, a implantação da indústria automobilística, o refino de petróleo, a química fina, a construção de estradas de rodagem e a "meta-

---

<sup>16</sup> ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina-Piauí*. EDUFPI, 2010, p. 45

<sup>17</sup> SANTANA, R. N Monteiro. *Evolução histórica da economia piauiense*; 2º edição, 2001.

síntese" - a construção de Brasília. As obras de açudagem, no semiárido nordestino, foram retomadas, em número e porte expressivos, em ritmo acelerado.<sup>18</sup>

Diante desses ciclos de secas, é notório que a sobrevivência da população, principalmente os pobres, seria quase impossível, sem o auxílio de políticas públicas que se destinasse a projetar meios de solucionar a falta de água. O DNOCS foi muito importante para a consolidação da sobrevivência e da economia no Nordeste, embora ao longo do tempo o órgão tenha recebido várias denúncias de não concluírem as suas atividades e ter se inclinado a outras prioridades, não se anula o feito dos seus estudos e feitorias pelo Nordeste.

## **1.2. Atuações nas construções de estradas**

O DNOCS atuou em várias áreas ao longo de tempo, suas obras foram destinadas a minimizar os efeitos destrutivos causados pela seca, embora tenha se adaptado a diversas funções ao longo de sua trajetória. Seus relatórios de obras registram construção de rodovias, campos de pouso, aeroportos, portos, implantação de redes de energia elétrica, ações de abastecimento, açudagem, irrigação, piscicultura, construção de barragens, perfuração e instalação de poços, implantação de projetos de irrigação, sistemas de abastecimento de água, centros de pesquisas e estações de piscicultura, em várias regiões do Nordeste.<sup>19</sup>

Num balanço de suas atividades, de sua criação até 1970 o DNOCS atuou numa área de 949.578km<sup>2</sup>, abrangendo os estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Construiu 246 represas públicas, acumulando 113 bilhões de metros cúbicos de água, e cooperou na construção de 594 represas particulares, com capacidade para mais de 1,3 bilhão de metros cúbicos; organizou 148 serviços de abastecimento de água; colocou em ação 820km de canais de irrigação beneficiando 12 mil hectares de terras; perfurou 7.135 poços e os aparelhou para o bombeamento destinado a fins agropecuários; construiu sete usinas hidrelétricas, com 10.666cv e 650km de linhas de transmissão; construiu 8.760km de estradas de

---

<sup>18</sup> Portal DNOCS. Disponível em: <https://www2.dnocs.gov.br/historia>.

<sup>19</sup> Portal do DNOCS. Disponível em: <https://www2.dnocs.gov.br/>.

rodagem, e preparou 78 campos de pouso para aviões de pequeno e médio porte.<sup>20</sup>

Entretanto, o desejo pelo progresso continuava a crescer entre os moradores do Piauí. “Essa elite pensava que, para o progresso instalar -se, teria de haver uma ordenação na sociedade”<sup>21</sup>. De acordo com Maria Mafalda Araújo (2010), o Piauí estava vivendo muitos problemas políticos e econômicos, principalmente porque os problemas ocasionados pela seca impactavam grandemente no seu crescimento. Segundo o autor Francisco Alcides do Nascimento (2002) seria necessário uma construção de redes ferroviárias para exercer o processo de modernização. “Os construtores da cidade desejavam transformar Teresina em um grande entroncamento ferroviário”.<sup>22</sup>

A estrada de ferro foi considerada sinônimo de progresso em todo o país e o Piauí não poderia ficar de fora desse ideal, ocorrendo o aparecimento de inúmeros projetos voltados para a construção de trechos ferroviários interligando, principalmente, regiões produtoras aos mercados consumidores, como as que ligariam as cidades de Petrolina (PE) a Teresina (PI), São Luís (MA) a Teresina, Crateús (CE) a Teresina (PI) e esta cidade a Amarração (atual Luís Correia).<sup>23</sup>

Diante dessa situação, o DNOCS estabeleceu acordos com o governo do estado, se tornando em uma grande empreiteira de construção de estradas ferroviárias. Acreditava-se que a construções de viações pudessem diminuir os efeitos da estiagem e quando o ciclo de falta de águas chegasse a população teria mais meios de sobreviver. É importante ressaltar que grandes partes dessas estradas foram construídas quando o órgão ainda se intitulava por IFOCS.

Em 1930 havia a união construindo em território piauiense 117,500km. de estradas de rodagem, entre Floriano e Oeiras. Em 1937 foi esse desenvolvimento elevado a 181, km com a ligação,

---

<sup>20</sup> Portal do DNOCS. Disponível em: <http://www.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-nacional-de-obras-contra-as-secas-dnocs>.

<sup>21</sup> ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. Cotidiano e pobreza: *a magia da sobrevivência em Teresina-Piauí*: EDUFPI, 2010, p. 32.

<sup>22</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002, p.184.

<sup>23</sup> VIERA, Rodriguez Leda, *Caminhos de ferro: A ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916-1960*. p. 41.

pela inspetoria Federal de obras contra as Secas, de Teresina a campo maior, trecho da rodovia fortaleza-Teresina.<sup>24</sup>

A construção dessas redes estradas empregou muitas pessoas que sofriam com as consequências da estiagem, evitando a migração para as metrópoles. Embora o propósito do DNOCS fosse adquirir métodos para o armazenamento de água, também era da sua alçada promover auxílio aos retirantes. Essas feitorias de obra implicavam em todas as mudanças que vinham acontecendo no país. Durante o governo do Presidente Getúlio Vargas (1930-1945), foi intensificado as obras de açudes pelo o sertão do Nordeste, assim como também nomeou-se o paraibano José de Américo de Almeida para o cargo de ministro de aviações de obras públicas.<sup>25</sup>

Persuadido de que, a acumulação d'água era essencial à sustentabilidade da vida social e econômica no Nordeste, Vieira deu o maior apoio às tarefas de açudagem e promoveu, com grande ímpeto, à implantação rodoviária. Por outro lado, daquela época em diante, descem a um segundo plano, no seio da Inspetoria, os estudos hidrológicos, até porque a síntese hidrológica de Aguiar, logrando notável adequação ao meio, perduraria válida por muitas décadas posteriores.<sup>26</sup>

Sob a ministração de José de Américo, o paraibano escolheu o engenheiro Luiz Augusto da Silva Vieira para coordenar as atividades do IFOCS. Viera dirigiu o órgão entre os anos de (1930-1940), assumindo a responsabilidade de realizar projetos de pequenos, médios e grandes açudes. Durante a sua administração, foi o período em se mais investiu em estradas rodoviárias<sup>27</sup>. A finalidade dessas estradas seria facilitar o acesso ao litoral para que os dos padecentes da seca conseguissem sobreviver a esses períodos. Outrossim, seria a possibilidade de crescer economicamente, viabilizando as estradas em cidades com grande potencial de desenvolvimento, como Campo Maior e Piri-piri.

---

<sup>24</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002, p. 190.

<sup>25</sup> Portal do DNOCS. Disponível em: <https://www2.dnocs.gov.br/>.

<sup>26</sup> Portal do DNOCS. *Relatório dos Presidentes homenageados do DNOCS*. Disponível em: <https://www2.dnocs.gov.br/gab-cs/597-noticia-site-antigo-828>.

O desenvolvimento rodoviário do Brasil, nos últimos anos, é fenômeno que não pode passar despercebido aos que desejem balancear, neste momento, a realidade nacional. A rodovia é caminho dos países pobres – a estrada acessível aos que não podem medir o território nacional a pontas de trilho. A extensão do Brasil torna quase impossível a completa ligação ferroviária entre as diversas unidades federativas, em poucas décadas. Daí os louvores que se devem a Estados, como o Piauí, que multiplicam rapidamente suas estradas de rodagem. No ano passado, o governo Leônidas Melo reparou ou reconstruiu mais de sete mil quilômetros de rodovias, deu grande impulso à ligação ferroviária entre Teresina e Parnaíba – os grandes núcleos urbanos e econômicos do Estado, inaugurou o trecho Campo Maior-Barras, num total de setenta e seis quilômetros. Agora mesmo, segundo notícias dali recebidas, o governo piauiense fechou contrato para a compra de tratores e demais materiais para construção de rodovias, numa importância superior a quinhentos contos. É uma obra patriótica, que não deve passar sem registro numa hora em que o Brasil inteiro, sob o impulso do governo Getúlio Vargas, amplia e melhora seu sistema de transportes e sua capacidade de produção e trabalho.<sup>28</sup>

Ademais, o estado era considerado atrasado em relação aos outros estados e com as faltas de chuvas a calamidades e as dores se instalavam. Enquanto uns se preocupavam com a modernização, outros se preocupavam se iriam conseguir sobreviver aos períodos de estiagem. O DNOCS realizou a ligação de muitas estradas com a mão de obra barata, no próximo capítulo abordaremos como era a vida desses trabalhadores, retirantes miseráveis que construíram inúmeras estradas. Os boletins do DNOCS - PI evidenciam algumas correspondências, para que fossem criadas frentes de alistamentos de serviços para a realização das estradas e para que diminuíssem o número de flagelados que chegavam aos centros das cidades.

Diariamente afluem na cidade de Picos este estado VG inúmeros flagelados procedentes do Ceará, criando uma difícil situação e pânico na população do município. Devido principalmente a escassez de gêneros alimentícios e crescentes aumentos de pessoas sem trabalho como meio mais viável para melhorar tal situação, peço que venha lembrar e autorizar a INSPETORIA DE OBRAS CONTRA AS SECAS a contratar serviços na rodovia de Teresina a Picos, partindo aos mesmo tempo dos extremos, esta capital e Picos a fim de dar trabalho a todos aqueles retirantes- antecipo agradecimentos e atenção. Saudações atenciosas Leônidas Melo – Interventor Federal.

29

<sup>28</sup> O PIAUÍ rodoviário. *Diário Oficial*, Teresina, ano 10, n. 126, 7 jun., 1940.

<sup>29</sup> Telegrama ao Ministro General Mendonça Lima – Ministério de Viação de Obras Públicas RIO DF. 25 TEREZINA -PI 1167 111 26 – 1950.

Para a realização das estradas era necessário todo um processo, desde a roçagem à utilização das máquinas, e também estudos de como as rodagens, a terraplenagem e o revestimento seriam feitos. Os boletins do DNOCS demonstram os dados técnicos e os dados orçamentários da rodovia de Teresina – Valença – TREPicos – Natal – Berlingas.

**TABELA 1 - Dados Técnicos.**

Extensão do trecho .....	20km
Em curva .....	2.919m
Número de curvas .....	12
Extensão em reta.....	17.081m
Raio Mínimo.....	301m
Tangente mínima entre curvas .....	130m
Rampa máxima.....	6%
Extensão em rampa de 6%.....	460m
Maior rampa de 6% .....	130m
Número de rampas .....	6

Fonte: Acervo do DNOCS - OS trabalhos de escritórios (cálculos e cadernetas, desenhos e projetos) - Ministério da viação de Obras Públicas.

**TABELA 2 - Dados Orçamentários**

Corte em Terra.....	16.231m <sup>3</sup>
Piçarra.....	12.17m <sup>3</sup>
Rocha branda .....	6.090m <sup>3</sup>
Dura.....	6.090m <sup>3</sup>
Aterro .....	86.015m <sup>3</sup>
Ponte de 60 m (Rio Berlengas) .....	1
De 10m .....	1
Pontilhões de 2m.....	2
Bueiros diversos.....	25
Despesa pessoal.....	1.435.000,00
Material .....	998.000.000

Fonte: Acervo do DNOCS - OS trabalhos de escritórios (cálculos e cadernetas, desenhos e projetos) - Ministério da viação de Obras Públicas.

### 1.3 Denúncias as frentes as frentes de serviço

A seca é um problema causado por efeitos naturais, porém as suas consequências é um problema social, cabendo ao governo constituir políticas públicas eficazes para que seja possível conviver com seus impactos. Todos esses anos de estiagem serviram para que também fosse criado a “indústria da seca”.<sup>30</sup> O DNOCS foi um órgão que muitas vezes foi utilizado como disfarce para benefícios próprios, principalmente por parte dos políticos regionais e coronéis, que desviavam suas ações de auxílios a região e as manipulavam.

Alguns políticos usavam a seca para justificar o atraso de seus municípios, pedindo verbas para as construções de açudes públicos e destinando as obras para acordos políticos, principalmente com os coronéis. De acordo com Paulo Guerra, em seu livro “*A civilização da seca*”, vários coronéis, donos de muitas terras, faziam os açudes em “*parcerias*” com o DNOCS, que realizava os estudos e pagava grande parte das despesas, para ser construído a barragem e permitir acesso a todos da região, mas isso não ocorria e depois dos açudes prontos os coronéis limitavam o acesso da população a água.

<sup>30</sup> Nome dado pelo o jornalista Antônio Calado na década de 60.

Conforme as pesquisas de Lara Ferreira (2010), ao longo desse período de criações pelo DNOCS muitos retirantes se destinavam a trabalhar nessas obras, porém não eram pagos de forma corretas e viviam em situações precárias. Os relatórios provinciais de 1954, na área da saúde, apontam casos de doenças como Tifo e paratifo<sup>31</sup>, que ocasionou a morte de muitos retirantes que foram trabalhar e morar perto das obras.

A ação do DNOCS revestiu, nas secas ou nas “emergências”, como são denominadas as épocas em que a intensidade da irregularidade se agravava, formas típicas de uma acumulação primitiva. Recrutava-se a mão-de-obra desocupada pela estiagem, apenas depois que os magros recursos de pequenos sítiantes, meeiros, parceiros, haviam-se esgotado em duas ou três semeaduras, à espera das chuvas, e empregava-se na construção das barragens e das estradas; o pagamento dessa mão-de-obra dava-se, na maioria das vezes, sob a forma de espécie, isto é, fornecendo-se os alimentos – farinha, feijão e a indefectível carne seca, está nem sempre presente; os resultados desse trabalho concretizavam-se nas barragens feitas nas propriedades dos grandes fazendeiros e nas estradas, às vezes estradas privadas no interior dos grandes latifúndios. Utilizava-se também essa mão-de-obra na construção das grandes barragens, mas alguns estudiosos críticos dos próprios quadros do DNOCS chegaram a calcular que, se essa mão-de-obra, em todas as secas de que há memória no Nordeste desde a criação da IFOCS, tivesse sido utilizada na construção das barragens públicas, a grande maioria delas estaria construída há muito tempo. Tal acumulação primitiva utilizava os recursos do Estado para a implantação de benfeitorias nas grandes propriedades, e sua forma de financiamento chegou a constituir-se em outro pilar da força e do poder político dos “coronéis”, da oligarquia algodoeira – pecuária. Chegando quase sempre atrasados os recursos fiscais que a União deveria fornecer para as “emergências”, o DNOCS utilizava o crédito junto aos grandes fazendeiros e comerciantes do Nordeste semi-árido, quase sempre as duas formas do capital reunidas numa só pessoa, personae dessa forma de reprodução, para adiantamentos. O dinheiro passava imediatamente, com a chegada dos recursos às mãos desses fornecedores. Não é preciso nenhuma imaginação, antes é ela desnecessária porque mais fraca que a realidade, para adivinhar que os preços dos mantimentos fornecidos ao DNOCS para essas frentes de trabalho eram na verdade uma outra forma dos “preços na folha”: mais altos que os preços que se poderia conseguir mediante uma estrutura de compras diretas do DNOCS nas outras zonas produtoras do país. Uma estrutura de enriquecimento que a

---

<sup>31</sup> Tifo é uma doença transmitida por piolhos por meio de uma bactéria. Uma moléstia epidêmica que facilmente se difunde em lugares de aglomerações e falta de higiene. Causa febre, manchas no corpo, podendo levar a morte. Já o paratifo é uma infecção que ataca o intestino, com sintomas parecidos com os da febre tifóide, causada mesma bactéria *Salmonella typh*. Geralmente a transmissão ocorre por ingestão de água e alimentos contaminados. – doenças que mataram em 1932 mais de 19.000 operários nas obras do DNOCS.

literatura de oposição à oligarquia algodoeira-pecuária chamava de ilícita. As “emergências” criaram outra forma de enriquecimento e de reforço da oligarquia: não apenas os eleitores reais dos coronéis” tinham prioridade para engajamento nas frentes de trabalho, como os eleitores – trabalhadores – fantasmas pululavam. Obras – fantasmas e trabalhadores, “cassacos” – fantasmas, povoavam as frentes de trabalho das secas.<sup>32</sup>

Esses retirantes assolados pela pobreza estavam sujeitos a precariedade desse trabalho, que com a intenção de “ajudar” acabou prejudicando a vida de muitos. Para o DNOCS, as obras estavam sendo feitas e os pobres estavam empregados, evitando a migração para outros estados. As frentes de serviços se tornavam uma política de auxílio. Sua mão-de-obra atuavam em açudes, estradas, em perfuração de poços e em instalações de canais de irrigação.<sup>33</sup>

Chamados de cassacos e comparados muitas vezes com marginais e pessoas imundas, esses flagelados sustentaram a “indústria da seca”. Pensavam essas pessoas como um problema inserido na sociedade, não se atentavam para entender que enquanto eles exerciam o trabalho duro, outros se aproveitavam da calamidade que estava inserida nas regiões do Nordeste.

No caso do trabalhador cassaco, a aproximação pejorativa a um animal se deu em decorrência da sua roupagem de faminto que saía do seu lugar habitual de existência e ia viver na rota das obras públicas, morando geralmente em casebres sem higiene, às vezes até apartado do convívio de seus familiares.<sup>34</sup>

Durante a estiagem de 1958, uma das mais avassaladoras, em que parte da população ficou muito doente<sup>35</sup>, a falta de chuva começou a erradicar a colheita e muitos ainda sentiam diretamente esses efeitos, ficando perceptível que, embora o DNOCS estivesse distribuindo vários recursos ao decorrer dos anos, existia uma defasagem em de fato conseguir auxiliar a melhoria de vida para aqueles que realmente sofriam com a estiagem. O Órgão foi denunciado diversas vezes por

<sup>32</sup> OLIVEIRA, F. de. *Elegia para uma re(li)gião*: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 54-55.

<sup>33</sup> FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. *Cassacos. Trabalhadores na lida contra a fome e a degradação nas obras públicas em tempos de secas. (Ceará, anos 1950)*. 2016. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bahia, 2016, p. 38.

<sup>34</sup> FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. Migrantes, retirantes, trabalhadores: memória, história e as representações em torno dos cassacos. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA, 1., 2014, Macapá. *Anais...* Amapá: Anpuh, 2014, p. 1-12.

<sup>35</sup> Relatório do DNOCS 1958 – Boletim de prestação de serviços.

manter trabalhadores “fantasmas” nas obras, ou seja, pessoas que estavam apenas recebendo os recursos sem prestar serviço. Ocorreram denúncias também em relação aos latifúndios e seus coronéis.

Quando se consome os derradeiros grãos de milho e feijão que havia armazenado da última safra e percebe que não haverá mais colheita, o sertanejo sem-terra – e mesmo o pequeno arrendatário ou proprietário de uns poucos hectares – sai de casa em busca de alimentação. Tem só duas opções: emigrar para outra região onde exista trabalho, ou alistar-se nas frentes de trabalho de emergência que o governo sempre instala quando ocorre uma seca.<sup>36</sup>

Adiante, conheceremos mais como era a vida desses migrantes que se alistavam às frentes de serviços. As denúncias relacionadas ao órgão, eram muitas vezes inúteis. Embora o DNOCS “achasse” que estava fazendo muito pelos flagelados, dando um certo “emprego”, estava longe de ser o suficiente para que as famílias pudessem ter uma vida digna. Vale ressaltar que a seca é um problema de todos e políticas assistencialistas precisavam ser eficazes.

## CAPÍTULO II

### 2. Frentes de serviços

#### 2.1 Assistencialismo ao flagelo

Em seus anos de atuação, o DNOCS planejou e construiu várias obras para abastecer a população de água. A economia do Piauí estava baseada principalmente na agricultura e pecuária, ou seja, era a principal fonte de renda da população. Quem viveu no campo sabe que existe o tempo de plantar, o tempo de esperar, o tempo da colheita e o tempo de engordar os gados. Com a estiagem se tornava impossível a colheita, gerando assim um desfalque no setor econômico, principalmente em uma região onde a maioria dos indivíduos necessitava disso para a sua sobrevivência.

---

<sup>36</sup> GARCIA, Carlos. *O que é Nordeste brasileiro*. 8 eds., Coleção Primeiros passos, São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 71.

A falta das chuvas causava dor e sofrimento, principalmente para os pais de famílias, que viam seus filhos padecerem de fome e as medidas solucionáveis não estavam ao seu alcance. Mais do que um problema geológico, a seca se tornava um problema social, onde a vivência de várias pessoas era afetada de forma estreme. A literatura nos permite enxergar a dor dessas pessoas quando retrata o sofrimento de algumas famílias que abandonavam suas casas e saíam a procura de outros lugares onde houvesse um assistencialismo para que pudessem lhe propor novas condições de vida ou apenas que não lhe deixassem morrerem de fome.

Diante desse cenário, também havia uma forte migração para os outros estados à procura de emprego, principalmente para os grandes centros. Geralmente o “pai” de família migrava e deixava sua mulher e seus filhos em sua cidade natal<sup>37</sup>. Desde o século XIX houve uma forte migração para outros estados, principalmente entre os anos 1877-1879 (período da grande seca que assolou sobretudo o nordeste). A pobreza deixava as pessoas completamente miseráveis, sem comida, sem roupa e muitas vezes sem esperança, causando um grande desajuste social<sup>38</sup>.

Nos meados do século XIX, durante a seca de 1877-1879, a província interviu, criando grupos de estudos geológicos em determinadas regiões, para a criação de cisternas, com a finalidade de guardar a água limpa e amenizar os problemas causados pelas estiagens. Foi durante esse período que surgiram as primeiras providências para o armazenamento de água e, embora não resolvesse a situação de muitos, já era um avanço. A fome e o desespero já tinham tomado uma grande proporção. No início do século XX, o governo federal criou o DNOCS como um órgão Público, para que sua atenção fosse voltada ao combate a seca no Nordeste. A seguir mostrarei uma tabela com as instituições governamentais criadas ao longo dos anos, com a intenção de atender ao flagelo.

**TABELA 3 – (Programas criados para auxiliar a sociedade no período das secas)**

Seca	Programas
------	-----------

<sup>37</sup> Nordestinos tinham o costume de ir para os grandes centros a busca de trabalho. Com intuito de conseguir sustentar suas famílias.

<sup>38</sup> Desvalidas – sem condições nenhuma de sustento.

1877- 1879	O Império instituiu uma Comissão Imperial para estudar a abertura de um canal comunicando às águas do rio Jaguaribe com as do rio São Francisco, porém não foi concretizado e a prioridade foi dada à construção de açudes e poços tubulares. Em 1904, foram criadas várias comissões: "Açudes e Irrigação", "Estudos e Obras Contra os Efeitos das Secas" e de "Perfuração de Poços". Em 1909, foi instituída a Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), a qual foi transformada em 1919 em Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS).
1945	O IFOCS foi renomeado para Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS). Em 1948 foi criado a Comissão do Vale do São Francisco, concebida para um criar novo método de gestão de combate às estiagens.
1951	O Banco Nordeste foi criado em 1952 para apoiar financeiramente os municípios que faziam parte do Polígono das Secas. Em 1956 foi criado o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) para realizar estudos socioeconômicos para o desenvolvimento do Nordeste.
1959	Neste ano foi criado o Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (CODENO), tendo Celso Furtado como diretor e encarregado de lutar pela aprovação da SUDENE no congresso Nacional. Neste ano a SUDENE foi instituída.
1970	Os programas de desenvolvimento regional passaram a impulsionar a agricultura irrigada no país. Os principais foram: Programa de Integração Nacional (PIN), o Programa de Redistribuição de Terra e de Estímulo à Agroindústria do Norte e Nordeste (PROTERRA,1971), incorporados ao I Plano de desenvolvimento Nacional (I PND) e o Programa Especial para o Vale do São Francisco (PROVALE,1972) e Programa de Desenvolvimento de Terras Integradas do Nordeste-Polo Nordeste (1974), incorporados ao II Plano de Desenvolvimento Nacional (II PND).

Ademais, é importante frisarmos que o DNOCS não trabalhou sozinho ao longo dos seus anos de atuação, houve a parcerias, como algumas demonstradas na tabela acima, principalmente com o Banco Do Nordeste, que financiava algumas obras para o órgão.

Outro fator importante é se situar diante do tempo e perceber qual as mudanças que foram impostas nesses órgãos ao longo dos anos. Entretanto, é perceptível que a região Nordeste precisa de instituições que estudam e desenvolvam trabalhos que possa solucionar os efeitos da estiagem, para quando a mesma chegar. Assim, avançaremos para os anos de 1940-1950, onde destaca-se o objeto da pesquisa.

Assim como no século XIX, no século XX os sujeitos continuavam migrando para os centros em busca de condições de sobrevivência. O DNOCS precisava de mão-de-obra em suas construções, então o órgão decidiu contratar os serviços dos retirantes. A maioria das estradas que ligam o estado do Piauí aos outros estados, foram feitas nessa época. A partir de uma parceria estabelecida com Departamento Nacional de Estradas (DNER), os migrantes se agregavam nas regiões próximas ao projeto.

Ademais, para compreendermos como se deu esse processo de alistamento nas frentes de serviços, é essencial entendermos quem eram esses indivíduos e os motivos pelos quais se sujeitavam a essas condições precárias de vidas. O alistamento nas obras era visto como uma ação de assistência para amenizar o flagelo. Segundo a autora Lara Ferreria (2014), esses retirantes passavam extrema necessidades e se sujeitavam a esse trabalho por falta de oportunidades. E mesmo diante dessa situação existia uma fila enorme de pessoas que desejavam se alistar as frentes de serviços do DNOCS.

Nas secas da década de 1950, assim como em outros períodos, lavradores, vaqueiros, artesoes e donas de casa, sem conseguir garantir meios de sobrevivência, deixaram seus afazeres, seus animais, sua casa, sua rede, seus pertences em busca de opções. Se dispararam rumo ao norte amazônico ou partir para outros estados foram destinos dos migrantes daqueles anos, permanecer nos seus locais de origem, trilhando as rotas das obras públicas em busca de

trabalho, também foi um importante meio de contornar as dificuldades.<sup>39</sup>

Para conseguir trabalho era necessário se alistar nos serviços de assistência, que possuía diversificadas funções, embora a maioria consistisse nas atividades de pedreiros. Vale ressaltar que havia toda uma equipe do DNOCS, responsáveis por coordenar os serviços, geralmente compostas por engenheiros, agrônomos, botânicos, pedologistas, geólogos e hidrólogos<sup>40</sup>. Nos primeiros anos de criação do órgão (1909), o presidente do mesmo, o engenheiro Arrojado Lisboa, trouxe técnicos estrangeiros para estudar os limites do solo e o semi-árido do Nordeste. Para mais, as preocupações maiores deveriam estar ligadas a estrutura do socioeconômica das regiões nordestinas.

Essas equipes não ficavam no mesmo local que os migrantes, exerciam suas funções, fiscalizavam o andamento das obras, mas geralmente se hospedavam em casas alugadas<sup>41</sup>. É possível constar esse fato através das folhas de pagamento do DNOCS. Durante o processo de pesquisa, ao analisar os relatórios que estão arquivados no Departamento de Obras Contra as Secas localizado em Teresina- PI, encontramos registros de despesas para as casas, como comprovantes de materiais comprados para a higienização dessas equipes, para a limpeza da casa em geral e também os gastos excessivos com alimentação.

Enquanto isso, os obreiros trabalhavam de sol a sol e armavam suas tendas aos redores das construções de estradas ou açudes. Esses obreiros eram chamados de cassacos por se encontrarem em uma situação desvalida.

A seca de 1951 no Piauí assolou a população de forma devastadora. No campo, os gados se dizimavam e as plantações não prosperavam. Tomados pelo desespero, as famílias tinham como solução migrarem para o sul ou recorrem ao “Assistencialismo Público”, principalmente àqueles que se aglomeravam na zona rural e o cultivo das terras era a sua única fonte de renda.

---

<sup>39</sup> FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. Migrantes, retirantes, trabalhadores: memória, história e as representações em torno dos cassacos. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA, 1., 2014, Macapá. *Anais...* Amapá: Anpuh, 2014, p. 1-12.

<sup>40</sup> Portal do DNOCS. Disponível em: <https://www2.dnocs.gov.br/>.

<sup>41</sup> Central do DNOCS: Teresina – PI.

Os anos de 1951 e 1952 foram marcados por um período de grave estiagem que atingiu todos os estados nordestinos, afetando as diversas mesorregiões. No Piauí, a seca atingiu violentamente o rebanho bovino que sofreu com os efeitos de uma epidemia que passou a dizimar o gado. Levas e mais levas de homens e mulheres passaram a se deslocar sem rumo por todo o estado durante os meses de janeiro e fevereiro de 1951, e a cidade de Parnaíba – situada no litoral do estado – passou a receber centenas de flagelados e retirantes que perambulavam diariamente por suas ruas a procura de trabalho e comida. No interior do Ceará, as últimas esperanças de chuva esvaíram-se com a passagem do dia de São José<sup>4</sup> (19 de março) sem uma gota de chuva cair do céu, “terrivelmente” limpo. A maior parte dos municípios do interior do estado se encontrava numa situação de extrema calamidade, os centros das maiores cidades haviam sido invadidos por retirantes que perambulavam numa espécie de peregrinação sem fim, atrás de comida e trabalho.<sup>42</sup>

Ademais, desde do governo do presidente Getúlio Vargas, havia uma imensa preocupação por parte dos governantes a respeito da migração dos flagelados para os centros urbanos, e principalmente para a região sudeste. Diante disso, houve um aumento na criação de obras e um maior alistamento nos campos de concentração.<sup>43</sup> Os governantes começaram a temer que o sertão semi-árido ficasse completamente despovoado por conta das secas. Com isso seria necessária uma Política Pública de intervenção que providenciasse trabalho à essa população tão carente. Durante a década de 1950 as estradas foram as principais construções e a que mais manteve retirantes em seu estado de origem. Mesmo com o aumento de serviços e maior quantidade de obreiros ditos “empregados”, as políticas públicas estavam longe de proporcionar uma vivência digna a essas pessoas.

O Sudeste, por ser uma região mais desenvolvida, recebia um grande fluxo de retirantes, principalmente vindo do Nordeste à procura de trabalhos em firmas. Mesmo com a política anti-migratória para outros estados, não era possível conter a população. É interessante notar que esse fluxo para a região Sudeste, principalmente para São Paulo, ainda ocorre nos dias atuais, com menos intensidade, mas essa pratica ainda continua sendo um meio de “escape” para

---

<sup>42</sup> BARBOSA, Jivago Correia. Obras e assistencialismo no governo José Américo (1951-1956). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Anpuh, 2011, p. 2.

<sup>43</sup> Esse termo é citado para se referir aos migrantes – trabalhadores que se aglomeravam próximo as obras do DNOCS.

aqueles que procuram melhorias de vida. O Estado do Piauí ainda possui uma grande frente migratória para outros estados.<sup>44</sup>

A escassez de vagas frente ao número de necessitados gerou bastante celeuma, chegando aos ouvidos do governo no Rio de Janeiro. Então, na tentativa de impedir que aquele excedente de braços cruzasse as fronteiras, José Américo, Ministro da Viação e Obras Públicas de 1951-1954, tornou urgente “uma campanha” para inviabilizar a saída de “famílias inteiras” dos seus estados de origem.<sup>45</sup>

Entretanto, cada vez mais aumentava a população aos derredores das obras, Paulo Guerra, em seu livro *Flashes da seca*, analisa como se dava o convívio entre as famílias dos trabalhadores. O autor destaca que muitos deles ainda carregavam consigo suas práticas religiosas e sua cultura festiva. Nos acampamentos do Ceará foram construídas capelas e escolas para crianças, mesmo que feitas de taipas ou palhas<sup>46</sup>. No Piauí, ainda não encontramos fontes que comprovem que essas mesmas construções de lazer para os obreiros e suas famílias.

As mulheres também exerceram o seu papel nas lidas das frentes de serviços. Enquanto algumas preferiam ficar em suas terras com seus filhos a espera de seus maridos, se virando como podiam, outras se alistavam nas frentes de serviços e faziam os serviços que conseguiam. Algumas trabalhavam fazendo as refeições para os obreiros e suas respectivas famílias, chamadas de “barraqueiras”, outras trabalhavam como ajudante de servente, e tinham àquelas também que ajudam a roçar e limpar as estradas. É possível constar esse fato através das folhas de pagamentos do DNOCS<sup>47</sup>. Embora nem todas as mulheres conseguissem se alojar, percebemos a sua importância, movidas pela necessidade e forçadas a não ficar de braços cruzados diante da calamidade.

Embora houvesse recursos destinados as obras, a quantidade recebida pelos trabalhadores era mínima e alimentação nos campos de aglomeração era precária e nem um pouco saudável, Paulo Guerra, retrata em suas memórias que muitas das

<sup>44</sup> Devido a muitas cidades pequenas e falta de oportunidades para estudar e trabalhar a migração ainda afeta o estado Piauiense. Principalmente nas cidades menos desenvolvidas.

<sup>45</sup> FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. *Cassacos. Trabalhadores na lida contra a fome e a degradação nas obras públicas em tempos de secas. (Ceará, anos 1950)*. 2016. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bahia, 2016, p. 38.

<sup>46</sup> Fotos encontradas no acervo do DNOCS: Teresina - PI.

<sup>47</sup> Documentação encontrada no Acervo de Teresina - PI.

refeições eram apenas “um punhado de farinha e um quarto de rapadura” ou serviam feijão-fervido acompanhado de farinha e rapadura.<sup>48</sup>

No início da manhã, podia-se tomar um café preto e, em algumas obras, eram distribuídas porções de leite aos mais fracos e doentes, mantimentos enviados por associações filantrópicas, entre elas, o estadunidense Fundo Internacional de Serviço à Infância FISI). Mais tarde, sob os cuidados das barraqueiras ou barraqueiros – função ocupada geralmente por trabalhadores mais velhos – ou ainda de esposas e filhas que permaneciam nos alojamentos, fervia-se o feijão, acompanhado de farinha e rapadura, para o almoço. Este almoço, que variava pouco e era consumido em pequenos ou maiores bocados, a depender do tamanho do grupo, era servido coletivamente entre onze e doze horas, logo depois do fim do primeiro turno de trabalho.<sup>49</sup>

Ademais, o DNOCS pagou por muito tempo os trabalhadores com vales alimentícios e quase nada em dinheiro, visto que o órgão fazia parcerias com alguns comércios, fazendo com que os trabalhadores trocassem vales por comidas. A autora Lara Ferreira, ao analisar a vida dos cassacos em vários estados do Nordeste, aborda uma discussão a respeito do “trabalho livre” ou “trabalho escravo” entre os cassacos. Segundo ela, essas frentes de serviços se tornava a única opção a muitos retirantes e os mesmos não possuíam outra escolha de sobrevivência a não ser suportarem essa vida miserável. Nos primeiros sinais de chuvas ou que a seca teria uma trégua, muitos dos trabalhadores voltavam para suas terras de cultivo, abandonando as obras.<sup>50</sup>

Embora a ideia central do DNOCS fosse melhorar a vida dessas pessoas com a distribuição de serviços e auxílios para diminuir os efeitos sociais causados pelos impactos da seca, fica evidente que foi uma caminhada bastante árdua para aqueles que moravam no sertão e tiveram que enfrentar toda essa lida para que sua família não morresse propriamente de fome. O DNOCS proporcionou crescimento para o sertão Nordestino e também ensinou novas ferramentas de trabalhos para muitos

---

<sup>48</sup> GUERRA, Paulo. *A civilização da seca: Nordeste é uma história mal contada*. Fortaleza: DNOCS, 1981, p.137

<sup>49</sup> GUERRA, Paulo de Brito. *Flashes das secas: coletânea de fatos e histórias reais*. Fortaleza: Minter-DNOCS, 1977, p. 16.

<sup>50</sup> FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. *Cassacos. Trabalhadores na lida contra a fome e a degradação nas obras públicas em tempos de secas. (Ceará, anos 1950)*. 2016. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bahia, 2016, p. 38.

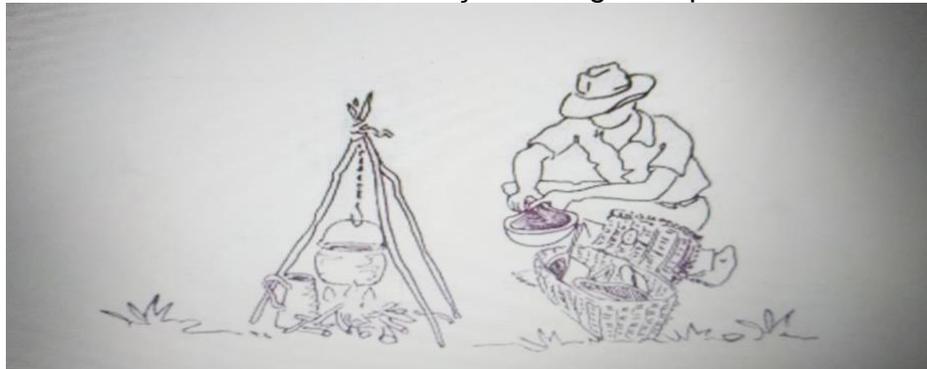
dos obreiros, alguns deles aprenderam a construir tijolos e outros a ter conhecimento sobre a escavação de poços e açudes. Esse desenvolvimento no meio dos trabalhadores resultava em grande aprendizado para o seu próprio cultivo, ou seja, quando os mesmos voltassem às suas terras poderiam planejar o cultivo com métodos de irrigação e tudo que estivesse ligado ao plantio. É importante ressaltar que muitos desses migrantes eram agricultores, vaqueiros e até comerciantes em pequenos portes.

**IMAGEM 1 - Fogão de trempe**



Fonte: Disponível em: <http://folhadeoiras.com/OAB/3094?pg=noticia&id=3274>. Foto: Emanuel Vidal. Acessado em 20/11/2019.

**IMAGEM 2 - Ilustração do fogão tropeiro**



Fonte: O Folclore das tropas, tropeiros e cargueiros no Vale do Paraíba - Tom Maia e Thereza Regina de Camargo Maia - MEC/Funarte-1980 (texto e gravuras).

Essas fotografias são a representação de como era feita a comida dos trabalhadores listados nas frentes de serviços.

**IMAGEM 3 - Trabalhador na construção de tijolos**



Fonte: Acervo fotográfico do DNOCS, novembro, 1959, v.20.n.6.

**IMAGEM 4** - Maquinas para a construção de açudes



Fonte: Relatório de obras executadas pelo DNOCS em 1951.

**IMAGEM 5** - Trecho da construção da rodovia Nordeste-Brasília.



Fonte: Relatório de obras executadas pelo DNOCS em 1959.

## **2.2 Providências para o abastecimento de água**

A escavação de poços foi um setor no qual o DNOCS investiu para consolidar o armazenamento nos estados do Nordeste. No Piauí foram escavados diversos poços, principalmente nas cidades onde a seca mais atingia a população. O processo consistia na utilização de máquinas com o serviço dos migrantes. Diante das fichas técnicas dos poços que foram construídos no Piauí, é possível analisar que algumas cidades recebiam um maior número de poços do que outras e que havia uma grande concentração de pedidos de produção para área das zonas rurais.

Ademais, entre as décadas de 1940-1950 cidades como Jaicós, Campo Maior, Piripiri, Oeiras, Simplício Mendes e Piracuruca há mais registros, em comparação com outras cidades. As fichas técnicas possuem informações a respeito da profundidade, altura, nível estático, nível dinâmico e revestimento, embora algumas das mesmas não possuam esses registros. Alguns eram abandonados no meio da escavação, as fichas não evidenciam os motivos.

Outro elemento essencialmente importante para as análises é que alguns desses poços eram cavados pelo DNOCS a pedidos dos donos das terras e que eventualmente essas despesas seriam divididas entre o órgão e o fazendeiro, com o

objetivo de que a população daquele local também pudesse usufruir do benefício de ter água armazenada. Essa hierarquia de fazendeiros ricos e pobres no interior do sertão agravou muito a situação de dominação das execuções do DNOCS. A Seca prejudica a todos independentemente de sua classe social, mas a camada pobre é atingida drasticamente, porque seus meios de sobrevivência são poucos. Como já foi citado, acordos que permeavam entre o estado e os coronéis tinham o poder de desestruturar a utilidade de um benefício em comum para todos.

As máquinas e equipamentos do DNOCS eram utilizados por fazendeiros ao seu bel-prazer. Nas terras irrigadas com água dos açudes construídos e mantidos pelo governo federal, produzia-se para o mercado do litoral úmido, e em benefício de alguns fazendeiros que pagavam salários de fome [...] em síntese, a seca era um grande negócio para muita gente.<sup>51</sup>

Como já foi abordado anteriormente, a seca produzia a “indústria da seca” para que muitos se aproveitassem dessa calamidade social e a prática do clientelismo foi outro fator que permeou dentre essas obras, a troca de votos por privilégios Públicos. Os Arquivos existentes do DNCOS- PI geralmente mostram as suas feitorias, desse ponto nasce a necessidade de conhecer e analisar como estava distribuído as verbas da organização.

**TABELA 4 - Perfuração de poços Tubulares – Ficha Individual**

Poço número 18-Pí-40	Município: Campo Maior	Nível Estático 8,00 m Nível dinâmico: 14,00 m
Perfuratriz: PF 43	Estado: Piauí	Lenções: 1º aos 8,00 2º aos 35,00
Denominação: Prefeitura Campo Maior	Início: 04-9-51 Conclusão: 05-09-51	Profundidade: 35,00 m Revestimentos: Tubos de 6”
Proprietário: Prefeitura Campo Maior	Grau hidrométrico ---	Descarga 4,000

<sup>51</sup> FURTADO, Celso. *A fantasia desfeita*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.86.

-----	Qualidade: Doce	Processo de medição: Sonda
-------	-----------------	-------------------------------

Fonte: Acervo do DNOCS: Teresina -PI.

**TABELA 5 - Despesas da perfuração dos poços Tubulares**

	Pessoal	Material	Total
Inspeçtoria	55,00	-----	55,00
Proprietário	45,00	80,00	125,00
Inspeçtoria	275,00	-----	275,00
Proprietário	180,00	365	545,00
Inspeçtoria	330,00	-----	330,00
Proprietário	225,00	445,00	670,00

Fonte: Acervo do DNOCS: Teresina -PI.

Essas tabelas mostram como as fichas individuais da perfuração de poços estão organizadas e as informações que as mesmas contêm, porém existe um campo vasto sem descrições, apenas com o nome das cidades, se tornando um pouco difícil de serem analisadas. Nos boletins do DNOCS tem fichas de despesas, com pedidos de material e ferramentas para as perfurações, alugueis de carros para deixar o material. Segundo Celso Furtado, muitos desses carros alugados e algumas folhas de despesas existia apenas para desviar as verbas e muitas pessoas chegavam a receber sem trabalhar<sup>52</sup>.

O poço tubular, também conhecido como poços “artesianos”, é uma obra de engenharia geológica e geralmente apresentam pequenos diâmetros e profundidades que variam de dezenas a centenas de metros os mesmos possuem revestimentos, filtros e isolamento sanitária<sup>53</sup>. Existem outros tipos de poços com métodos diferentes de escavação, como poço coletor, poço ponteira e poço de monitoramento. Porém, entre as décadas de 1940-1950 a documentação do

<sup>52</sup> FURTADO, Celso. *A fantasia desfeita*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. O Autor aborda desvios das verbas públicas do DNOCS.

<sup>53</sup> Portal do DNOCS. Disponível em: <https://www2.dnocs.gov.br/>.

DNOCS expõe apenas a construção de poços tubulares<sup>54</sup>. Os mesmos podem ser cavados por máquinas com sondas rotativas, que são as mais recomendadas para a perfuração em locais que possuem sedimentos; sondas percursoras, que são as mais indicadas para a perfuração de terrenos com características rochosas; e sondas rotopneumáticas, que possuem equipamentos mais atuais e por isso possuem recursos para atuarem em diferentes tipos de solos.

**IMAGEM 6 - Broca de furar Poços Artesianos**



Fonte: Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=mAQUINA+DE+ESCAVA%C3%87%C3%83O+PARA+A+CONSTRU%C3%87%C3%83O+DE+PO%C3%87OS+TUBULARES&tbm=isch&ved=2ahUKEwjDhenp35DmAhU6CrkGHZ4qDQUQ2->. Acessado em: 20/11/2019.

**IMAGEM 7 - Maquinas de escavação para poços Tubulares**



Fonte: Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=mAQUINA+DE+ESCAVA%C3%87%C3%83O+PARA+A+CONSTRU%C3%87%C3%83O+DE+PO%C3%87OS+TUBULARES&tbm=isch&ved=2ahUKEwjDhenp35DmAhU6CrkGHZ4qDQUQ2->. Acessado em: 20/11/2019.

Essas imagens demonstram alguns dos equipamentos que eram usados nas construções dos poços. A seguir mostrarei uma tabela sobre uma folha de pagamentos com a relação do saldo a pagar ao pessoal para as obras que

---

<sup>54</sup> Informação analisada conforme os estudos das fichas técnicas de poços do DNOCS.

trabalharam nos serviços de Perfuração e instalação de poços, durante o mês de outubro do corrente ano.<sup>55</sup>

**TABELA 6 - Lista de Salários dos Funcionários**

José Pinheiro .....	cr\$ 1.748
Francisco Luís de Freitas .....	1297.60
José Viera da Silva .....	1.748
Manoel Fernandes Braga.....	1.748
Antônio Pedro dos Reis .....	1.748
Antônio Viera Lopes .....	1.748
José Francisco Vieira.....	1.311
Domingos Escocio de Sousa .....	1311
Hilmar de Moraes Rego .....	1748
Raimundo Paulino da Silva.....	1748
Aristóteles Pereira Barros.....	1226,70
Jose Lino.....	1331,30
Manoel Pedro das Chagas.....	1311,30
Raimunda Cardoso Ferreira.....	1748
Antônio Celestino .....	1443,70
Joao Gomes da Silva.....	874,20
Hugo Milu da Silva.....	874,20
Francisco Gomes da Silva .....	874,20
Francisco David do Nascimento.....	874,20
Antônio de Oliveira Martins .....	1331,30
Maroto Soares .....	874.20
Felipe Abrão de Sousa.....	874,20
Juarez Câmara Probo.....	874,20
Mario Barbosa Soares .....	874,20
Epifânio Pereira da Silva.....	1311
José Pereira de Oliveira .....	874,30
Claudio da Cunha Machado .....	733
Edmilson Balbino .....	728
Total.....	Cr\$32.521,30

Essa tabela lista os trabalhadores, porém não denomina as suas funções, apenas os seus salários que são extremamente diferentes de uns para outros, deixando dúvidas sobre suas finalidades. A maioria dos retirantes faziam manobras

<sup>55</sup> Acervo do DNOCS: Teresina -PI – Folhas de pagamento – Boletim 1953.

manuais, mas também tinham aqueles que conseguiam desenvolver suas habilidades técnicas, como usar máquinas para a perfuração.

Sendo assim, a ordem dos trabalhadores do campo era diferente da ordem dos engenheiros e técnicos das frentes de serviço. O saber técnico científico tentava incluir hábitos e costumes através de preceitos à cultura sertaneja, especialmente do trabalho. O confronto não era fácil, já que os trabalhadores do campo preservavam traços dos seus costumes tradicionais rurícolas. Vale informar que nesse contexto de serviço árduo e pouco conhecido da cultura do trabalhador do campo somado a fraqueza física dos operários, retirantes uma equação perigosa se estabeleceu, resultando em muitos acidentes de trabalho, derivando em incapacidade provisória, incapacidade permanente e até morte.<sup>56</sup>

Entretanto, como já foi citado no primeiro capítulo, a vida dos operários corria vários riscos, tanto relacionados às doenças como aos acidentes de trabalho. E muitas vezes esses trabalhadores eram desprovidos de auxílios médicos, o que facilitava que infecções acabassem levando a morte, ou que alguns acidentes deixassem esses trabalhadores inválidos.

A construção de açudes ou barragens no Piauí foi outro fator que influenciou bastante na economia. Ao longo dos anos o DNOCS construiu vários açudes no Nordeste, principalmente no estado do Ceará, onde a seca foi mais violenta. No Piauí, os açudes têm um grande significado para o abastecimento de água da população e também pela a sua estrutura geopolítica.

Nas primeiras décadas do século XX já estavam sendo construídos vários açudes, sendo estado do Ceará o que mais recebeu projetos hídricos. No Piauí foram construídos quatro açudes: Aldeia e Bonfim, na cidade de São Raimundo Nonato, começaram a ser construídos em 1911 e terminados em 1914; Açude Anajás em Piriipiri (1916-1918); e açude Poços, em Simplício Mendes (1920-1922)<sup>57</sup>, cidade pequena e sem muitos recursos que foi bastante atingida pela a seca (1877-1879).

---

<sup>56</sup> FERRERIA, Lara Vanessa de Castro. É “gente que só o diabo”: “trabalhadores-cassacos” no labor das obras contra as secas no Ceará (1950). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal, *Anais...* Rio Grande do Norte: Anpuh, 2012, p 10.

<sup>57</sup> Portal do DNOCS. Disponível em: <https://www2.dnocs.gov.br/>.

Nos anos de (1945-1960), o DNOCS realizou a construção de açudes nas cidades de Cajazeiras, em 1945; no rio Condado, município de Pio IX; açude Caldeirão, em Piripiri, em 1945; açude Barreiras, em Fronteiras, construído entre 1954 e 1965; e o açude Ingazeiras, na cidade de Paulistana, iniciado em 1953 e finalizado em 1965.<sup>58</sup>

Açudes inserem-se na paisagem nordestina de tal modo que podem ser vistos como um marcador identitário, presente na poética sertaneja, retratado na descrição da paisagem e na relação de nordestino/as com o ambiente natural. É, portanto, um elemento da tessitura geo-simbólica de uma territorialidade que se desenha, no sertão, historicamente na relação entre seca e presença de água.<sup>59</sup>

Os projetos de irrigação foram outros que se desenvolveram através dos estudos do DNOCS, esse investimento possibilitaria a safra nos anos secos. Dessa maneira, as pessoas não se despeariam e nem morreriam de fome. Mas, esses projetos não conseguiram alcançar as suas metas. Esse fator ficou claro na seca de (1951-1953), onde os estados mais atingidos foram o Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco<sup>60</sup>. A fome ocasionada pelo flagelo da seca recomeçou, principalmente para os pobres que moravam no interior do sertão. Em 1945 já estudavam sobre o assunto, mas até a seca de 1958 não foi abrangente. Diante disso os grupos de estudos hídricos fizeram um replanejamento sobre a irrigação.

A cidade de Campo Maior, entre as secas de 1940-1950, recebeu projetos para a construção de açudes, poços e chafarizes. Sua população era mais da zona rural e a maioria dos açudes construídos foram nas fazendas de grandes proprietários<sup>61</sup>. Segundo Domingos Neto (1987), grande parte das barragens de aterro e açudes construídos em regime de cooperação, ou ainda com crédito subsidiado, valorizava as grandes propriedades. Ademais, a mão-de-obra constituída de “flagelados” sempre foi abundante e barata em épocas de crise.

<sup>58</sup> Portal do DNOCS. Disponível em: <https://www2.dnocs.gov.br/>.

<sup>59</sup> PEREIRA. Vinicius. Povos, territórios e águas do sertão (etnografando memória e territorialidade no Açude/barragem Algodões I, em Cocal - PI). In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE E PRÉ-ALAS BRASIL, 15., 2012, Teresina. *Anais...* Piauí: UFPI, 2012, p. 5.

<sup>60</sup> Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/retirantes-fogem-da-seca-e-da-fome>.

<sup>61</sup> Dados encontrados na prefeitura de Campo Maior.

Em meados de 1959 criou-se a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que também ficaria responsável pelo o desenvolvimento de projetos que guardassem água para que quando a seca chegasse houvesse um maior auxílio. O DNOCS, continua com os seus estudos voltados para o aproveitamento da água e estrutura das terras. Segundo Paulo Guerra (1981) a Sudene, em seus anos de atuação, continuou com as práticas de beneficiar aos fazendeiros e, apesar dessas injustiças sociais, esses órgãos possuem uma ferramenta de trabalho muito abrangente para o sustento da sociedade. As represas ou açudes contém uma grande capacidade de água para suprir as necessidades da população que sofre com as faltas das chuvas. É de extrema importância a preservação desses recursos hídricos, pois sem um bom aproveitamento da água a sobrevivência se torna escassa.

Podemos compreender que a SUDENE através dessa nova política econômica, objetivava uma integração nacional, principalmente, uma forma de impulsionar a região nordeste para o processo de desenvolvimento e industrialização, que já vinha ocorrendo com outras regiões do País. Mas passados esses governos, chegamos aos governos militares de Castelo Branco, Costa e Silva e Garrastazu Médici, que acabaram rompendo com as regras políticas-democráticas, a partir do golpe em 1964, afastando -se de toda orientação de relativa independência político – econômica externa ensaiada por governos anteriores a eles. Porém, assumem medidas intervencionistas de incentivo à industrialização através do investimento em obras de infraestrutura, destacando – se os investimentos na construção de hidrelétricas.<sup>62</sup>

O DNOCS continuou com seus estudos geológicos, sobre as bacias hídricas, os solos e a melhor maneira de distribuir a água, enquanto a SUDENE, sob a fiscalização do diretor Celso Furtado que comandou a instituição de (1959 a 1964), prosseguiu com as construções de açudes, represas e projetos de irrigação. Investindo assim no crescimento do Nordeste.

---

<sup>62</sup> SÁ, Fagna Alves. *História e memória de uma cidade submersa: Guadalupe e a construção da barragem de Boa Esperança na década de 1960*. 2013, p. 45.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As secas ocorridas durante o século XX, e principalmente entre as décadas de 1940-1950, continuavam ocasionando fome, miséria, epidemias e mortes. Isso mostra que mesmo com maiores conhecimentos sobre esse fenômeno natural, ainda existia negligência por parte da sociedade na aceitação do problema como um todo.

A busca de alternativas por sobrevivência se tornava o único meio de prover o sustento a família. O DNOCS desenvolveu uma base de estudos para conseguir armazenar a água e evitar o desespero dos sertanejos, mas mesmo assim houve muita precariedade e a pobreza dos retirantes chega a doer naqueles que tiveram conhecimento sobre a sua labuta.

O cotidiano dos trabalhadores-cassacos chegava a ser uma verdadeira jornada da fome. Os vales recebidos como eram pagos muitas vezes só poderiam ser trocados em gêneros preestabelecidos e nos fornecedores habilitados pelos órgãos que administravam as obras. As mercadorias chegavam a ser caríssimas mesmo eles recebendo tão pouco. O cotidiano de serviços de boa parte da população que estava inserida chega a ser lamentável.

Embora uma demanda de recursos fosse distribuída para ajudar os necessitados, segundo a Paulo Guerra (1981) a seca se tornou uma indústria, pois alguns políticos e fazendeiros usavam a calamidade para o seu benefício próprio. Com isso, aqueles que precisavam não podiam usufruir em plena liberdade do que era seu por direito. Diante disso, percebemos que um problema social ocasionado pela seca poderia ser contornado, mas por negligência do governo e dos políticos a pobreza se alarmava cada vez mais. Mesmo com todos esses desfalques, o DNOCS foi de extrema importância para os estudos sobre o armazenamento de água limpa e para a construção de açudes que desenvolviam a economia do local.

No entanto, esses migrantes viviam como se fossem animais (nômades ou de curral), resistiam no papel de seres humanos, no limiar da morte, de trecho em trecho, ou de volta para a roça, para casa, para algum lugar.<sup>63</sup> A autora Lara Ferreira (2016) retrata o desdém que era imposto aos cassacos e que suas vidas estavam sempre a mercê.

Ademais, a seca acontece de anos em anos e cabe aos poderes Públicos definir projetos e estratégias que possam auxiliar e desenvolver a região assolada pela a estiagem e que os mesmos sejam fiscalizados e cumpram com a sua obrigação de ajudar aos necessitados.

---

<sup>63</sup> FERRERIA, Lara Vanessa de Castro. É “gente que só o diabo”: “trabalhadores-cassacos” no labor das obras contra as secas no Ceará (1950). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal, *Anais...* Rio Grande do Norte: Anpuh, 2012, p 10.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução (1877-1922)*. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Campinas: Unicamp, 1988.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. *Nos destinos da fronteira: histórias espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

ALMEIDA, Beto. *O século do DNOCS. Revista Conviver Nordeste Semiárido.V.I.N.°6 DNOCS/BNB-ETENE*, 2009.

ALMEIDA, José Américo. *Secas no Nordeste. Ministério da Viação e Obras Públicas. 1953*.

ALVES, Joaquim. *História das secas - séc. XVII a XIX. Edição fac-símile. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2003. ANDRADE, Cordeiro de. Cassacos. Rio de Janeiro: Andersen, 1934.*

AGUIAR, Edson de Souza. *O DNOCS no Coração do Nordeste. DNOCS/BNB: Fortaleza, 2010.*

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina-Piauí*: EDUFPI, 2010.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno. *O poder e a seca de (1877-1879) no Piauí. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1991.*

BARBOSA, Jivago Correia. *Obras e assistencialismo no governo José Américo (1951-1956)*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: Anpuh, 2011.

BARBOZA, Edson Holanda Lima. *A hidra cearense: rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte (1877-1884)*. 2013. Tese

(Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). São Paulo, 2013.

BARREIRA, Luciano. *Os Cassacos*. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1976.

BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. *Culturas de classe*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004.

BATALHA, Cláudio H. M. “*Historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências*”. In: FREITAS, Marcos Cesar de (org.). *Historiografia brasileira e perspectiva*. São Paulo. Contexto/USF, 1998.

BATALHA, Cláudio H. M.. *Desafios atuais da história do Trabalho. Anos 90, Porto Alegre*, v. 13, n. 23/24, p.87-104, jan./dez. 2006.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco – antes e além depois*. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. *O governo Kubitscheck: desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 197

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios de História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

CIRILO, José Almir; MONTENEGRO, Susana M. G. L.; CAMPOS, José Nilson B. *A questão da água no semiárido brasileiro*. 2010, p. 91-81. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318778262>. CUNHA, Euclides da. *Os sertões: Campanha de Canudos*. 20. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

DOMINGOS NETO, Manuel. *Seca seculorum, flagelo e mito na economia rural piauiense*. Teresina: Fundação CEPRO, 1983.

ESTEVAM NETTO, José. *DNOCS ontem e hoje – sustentáculo da nascente civilização da seca*. João Pessoa, 1987.

FERRERIA, Lara Vanessa de Castro. “*Avalanches de flagelados*” no sertão cearense: retirantes-operários e engenheiros na lida das obras contra as secas. (Série Conviver nº. 12). Fortaleza: DNOCS/BNB-ETENE, 2010.

FERRERIA, Lara Vanessa de Castro. É “gente que só o diabo”: “trabalhadores-cassacos” no labor das obras contra as secas no Ceará (1950). In: SIMPÓSIO

NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal, *Anais...* Rio Grande do Norte: Anpuh, 2012.

FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. *Cassacos. Trabalhadores na lida contra a fome e a degradação nas obras públicas em tempos de secas. (Ceará, anos 1950)*. 2016. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bahia, 2016.

FURTADO, Celso. *A fantasia desfeita. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.*

GARCIA, Carlos. *O que é Nordeste brasileiro*. 8 ed., Coleção Primeiros passos, São Paulo: Brasiliense, 1990.

GUERRA, Felipe. *As Secas*. Natal: Typ d´. “*a República*”, 1932.

GUERRA, Felipe. *Secas do Nordeste*. Natal: Centro de Imprensa, 1951.

GUERRA, Felipe. *Décimo primeiro livro das secas*. Coleção mossoroense. Natal: Editora Universitária, Volume cccv, 1985.

GUERRA, Felipe. *Ainda o Nordeste*. Natal: Typ d´. “*à República*”, 1927.

GUERRA, Felipe; GUERRA, Teófilo. *Secas Contra a Seca*. Rio de Janeiro: Tip. Cruz Coutinho, 1909.

GUERRA, Paulo de Brito. *Açudes públicos do Nordeste, relação dos reservatórios construídos até 1981*. Fortaleza: DNOCS, 1982.

GUERRA, Paulo de Brito. *A Civilização da Seca: o Nordeste é uma história mal contada*. Fortaleza: DNOCS, 1981.

GUERRA, Paulo de Brito. *Flashes das secas: coletânea de fatos e histórias reais*. Fortaleza: Minter-DNOCS, 1977.

GUERRA, Otto. *21º Livro das secas*. Rio Grande do Norte: Coleção Mossoroense, Série C. Volume CDLXIII. 1989.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

OLIVEIRA, F. de. *Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PEREIRA, Vinicius. Povos, territórios e águas do sertão (etnografando memória e territorialidade no Açude/barragem Algodões I, em Cocal - PI). In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE E PRÉ-ALAS BRASIL, 15., 2012, Teresina. *Anais...* Piauí: UFPI, 2012.

QUEIROZ, Rachel de. 1937. *O Quinze*. Rio de Janeiro: Editora do Brasil.

SÁ, Fagna Alves. *História e memória de uma cidade submersa: Guadalupe e a construção da barragem de Boa Esperança na década de 1960*. 2013.

SANTANA, R. N Monteiro. *Evolução histórica da economia piauiense*; 2º edição, 2001.

SOUSA, Eloy. *Calvário das secas*. Ed. Especial para o acervo virtual Oswaldo Lamartine de Faria.

SPIX, Johann Baptist von e MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Trad. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968; 3 vols.

VIERA, Rodriguez Leda, *CAMINHOS DE FERRO: A ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916-1960*.

### **Sites de pesquisa**

<https://archive.org/search.php?query=piau%C3%AD>. Acessado em: 12/05/ 2019.

<https://www2.dnocs.gov.br/>. Acessado em: 10/ 05/ 2019.

<http://memorialdademocracia.com.br/card/retirantes-fogem-da-seca-e-da-fome>.

Acessado em: 12/ 05/ 2019.

<http://blogs.diariodonordeste.com.br/robertomoreira/seca/historia-das-secas-no-nordeste/175481>. Acessado em: 12/ 05/ 2019.

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em: 17/05/2019.

## Jornais Digitais

A IMPRENSA, FOME E MISÉRIA. Disponível em: [https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/pm-uploads/A%20Imprensa/lrRdUH4Z9\\_IB0Jb56sUP\\_Q==](https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/pm-uploads/A%20Imprensa/lrRdUH4Z9_IB0Jb56sUP_Q==).

Acessado em: 17/05/2019.

A ÉPOCA, A SECA E OS EMIGRANTES. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=164135&pasta=ano%20187&pesq=seca>. Acessado em: 16/05/2019.

A OPINIÃO CONSERVADORA, MUNICÍPIO DE PIRACURUCA. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=844098&pasta=ano%20187&pesq=seca>. Acessado em: 18/05/2019.

O PIAUHY (PI), SECA E FOME. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217204&pasta=ano%20187&pesq=seca>. Acessado em: 18/05/2019.

A IMPRENSA, FOME E MISÉRIA. Disponível em: [https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/pm-uploads/A%20Imprensa/lrRdUH4Z9\\_IB0Jb56sUP\\_Q==](https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/pm-uploads/A%20Imprensa/lrRdUH4Z9_IB0Jb56sUP_Q==).

Acessado em: 17/05/2019.

A ÉPOCA, A SECA E OS EMIGRANTES. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=164135&pasta=ano%20187&pesq=seca>. Acessado em: 16/05/2019.

A OPINIÃO CONSERVADORA, MUNICÍPIO DE PIRACURUCA. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=844098&pasta=ano%20187&pesq=seca>. Acessado em: 18/05/2019.

O PIAUHY (PI), SECA E FOME. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217204&pasta=ano%20187&pesq=seca>. Acessado em: 18/05/2019.

## Acervo do DNOCS – Teresina - PI

**Boletim.** Registro do Salários dos Funcionários – 1953 Ministério de viação de obras públicas.

**Boletim.** Acervo do DNOCS - OS trabalhos de escritórios (cálculos e cadernetas, desenhos e projetos) -1948 Ministério da viação de Obras Públicas.

**Relatório.** Perfuração de poços Tubulares – Ficha Individual. 1951.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( x ) Monografia  
( ) Artigo

Eu, **Maria de Lourdes Andrade dos Santos**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **A Seca e o DNOCS no Piauí : Breve construção histórica (1940-1950)** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 07 de Julho de 2021.

*Maria de Lourdes Andrade dos Santos*

Assinatura